

A LEITURA E A ESCRITA COMO PONTO PREPODERANTE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO ALUNO LEITOR/ESCRITOR

Ivonete Agra da Costa Andrade ¹
Kátia Gerlânia Soares Batista ²

RESUMO

A referida pesquisa apresenta uma reflexão sobre o processo de leitura e escrita, como instrumentos significativos para o ensino e aprendizagem dos alunos. Quanto aos procedimentos adotados neste estudo, consiste de uma pesquisa de caráter bibliográfico, a partir da leitura e fichamento de textos em livros, revistas, periódicos, artigos e meio eletrônicos, a partir de teóricos cujos marcos nesta área do conhecimento é de suma importância para subsidiar o referencial teórico do presente trabalho. O presente estudo apresenta os seguintes objetivos: analisar os direcionamentos relevantes voltado ao estímulo e a capacidade do aluno no desenvolvimento da prática da leitura e da escrita; compreender as dificuldades e os desafios diante da formação de alunos leitores e escritores e os fatores que influenciam no desempenho escolar; identificar os pressupostos teórico-metodológicos inerentes ao processo de ensino e aprendizagem com ênfase para a prática da leitura e da escrita e refletir sobre o hábito da leitura e da escrita a fim de poder levantar dados que possam subsidiar melhorias na mediação do processo de aprendizagem. Nesse sentido considera-se que essa discussão possibilitará uma reflexão das práticas pedagógicas no desenvolvimento da prática da leitura, na formação do aluno leitor, contribuindo para a valorização de um trabalho voltado para a formação do cidadão, do ser social.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Escrita. Leitura.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a temática da compreensão da leitura e escrita, tendo em vista os desafios e as dificuldades que tais assuntos apresentam a educação. É notório que o processo de aquisição do saber começa bem antes do aluno ingressar na escola surgindo assim, problemas no processo de ensino e aprendizagem da linguagem, isto é, problemas referentes a alfabetização.

¹ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade São Francisco-FASP; Especialista em AEE Atendimento Educacional Especializado pela Faculdade de Ciências Administrativas e Tecnologia-FATEC. E-mail: ivoneteagra93@gmail.com

² Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal da Paraíba-UFPB, Mestre em Serviço Social pela UFPB, docente do Curso de Serviço Social das Faculdades Integradas de Patos-FIP, Email: kattiasb@hotmail.com

A leitura se constitui como um dos avanços na busca do conhecimento. Contudo, crê-se que em virtude de não se desenvolver o hábito da leitura e escrita de forma sistemática, tanto os alunos como professores encontram algumas dificuldades nesse contexto, o que causa preocupações, pelo fato da leitura e da escrita assumir destaque preponderante no processo de aprendizagem.

É através da leitura e da escrita que os estudantes despertam para a interpretação dos acontecimentos e ainda sentem-se estimulados para desenvolver a aprendizagem, haja vista que a leitura se encarrega de amadurecer o intelecto e a escrita as concepções do ser leitor/escritor.

É bem verdade que os obstáculos apresentados pela aprendizagem ganham outra conotação, a partir do momento em que se identificam bloqueios relacionados à leitura, o que evidencia certa deficiência no desenvolvimento da leitura como prática escolar.

Assim sendo, é de suma relevância que a educação vislumbre desempenhar um papel onde os conhecimentos, informações e convivência com os alunos contribuam de forma significativa na construção de um bom desempenho da linguagem da leitura e da escrita, oferecendo assim, meios que desperte a curiosidade, a vontade do ler e escrever. É importante ressaltar que a competência dos professores também influencia na formação de grandes leitores e escritores nas salas de aula, ou até mesmo fora delas.

A importância para a elaboração da construção desse trabalho surgiu a partir das dificuldades que alguns nos educandos encontram no desenvolvimento da leitura e a escrita. Assim, surgiu o interesse de desenvolver um trabalho que apresente subsídios para auxiliar o educador e o educando a suprirem as necessidades que se deparam em relação ao processo teórico metodológico (educadores) e no aprendizado da leitura e escrita (educando).

Neste contexto, este estudo bibliográfico objetiva analisar alguns direcionamentos relevantes voltados ao estímulo e a capacidade do aluno desenvolver a prática da leitura e escrita como um dos pontos preponderantes ao caminho da aprendizagem. Os objetivos específicos consistem em compreender a construção de informações e conhecimentos em torno do mundo da leitura e da escrita, com vistas a descobrir as dificuldades e os desafios diante da formação de alunos leitores e escritores e os fatores que influenciam no desempenho escolar dos alunos; identificar os pressupostos teórico-metodológicos inerentes ao processo de ensino e aprendizagem com ênfase para a prática da leitura e da escrita e refletir sobre o hábito da leitura e da escrita a fim de poder levantar dados que possam subsidiar melhorias na mediação do processo de aprendizagem.

A relevância deste trabalho consiste em poder desenvolver alguns pontos essenciais para melhor compreensão da leitura e da escrita nas escolas para com os discentes, nunca deixando

de lado também o planejamento, técnicas, objetivos, processos do docente para desenvolver esse tema em sala de aula, participação da família e o despertar do aluno, principal agente desse fazer pedagógico.

METODOLOGIA

Este item dispõe acerca das bases metodológicas as quais representam os caminhos percorridos durante a aplicação deste estudo, com vistas a responder ao questionamento elencado no marco introdutório, bem como na apresentação dos resultados que atendam aos objetivos propostos, possibilitando uma compreensão concisa acerca da temática abordada.

Para Minayo (2003) a metodologia é o “caminho do pensamento ao qual se deve seguir. Trata-se, essencialmente do conjunto de técnicas a serem seguidas para construir uma realidade.” Esses procedimentos só contribuirão para o sucesso da pesquisa, uma vez que, são as atividades básicas da ciência nesta perspectiva do real e do concreto.

Quanto aos procedimentos adotados neste estudo, consiste de uma pesquisa de caráter bibliográfico, a partir da leitura e fichamento de textos em livros, revistas, periódicos, artigos e meio eletrônicos, a partir de teóricos cujos marcos nesta área do conhecimento é de suma importância para subsidiar o referencial teórico do presente trabalho.

O desenvolvimento deste trabalho consistirá na utilização de uma pesquisa de caráter qualitativo. Quanto à abordagem qualitativa, Chizzotti (2001), afirma que este método fundamenta-se em dados corrigidos nas interações interpessoais, na participação das situações dos informantes, analisados a partir da significação que estes dados dão aos seus atos.

Este estudo também apresenta um caráter exploratório, uma vez que “explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno” (SANTOS, 2002, p.26).

Foram realizados, portanto, estudos teóricos assim como reflexões que focalizam a relação entre a teoria apresentada.

DESENVOLVIMENTO

Percorrendo a história da leitura, verifica-se que por volta da década de 1970 no Brasil, a leitura foi alçada à condição de um campo delimitado de investigação teórica e metodológica. Antes disso, existiam, sobretudo, estudos e propostas de métodos renovadores de alfabetização, pesquisa sobre hábitos e preferência da literatura.

As pesquisas mais recentes dos estudos linguísticos evidenciaram-se alguns problemas particulares de nossa sociedade que atingiram a leitura de maneira especial. Há esta denominação inclui algumas dificuldades para com o ensino da leitura: As deficiências do processo de alfabetização nas escolas; a má qualidade do material a ser lido; a ocorrência dos meios de comunicação de massa que, conforme a denúncia de educadores afasta o público da matéria escrita outros hábitos de consumo, prejudiciais á relação do leitor com o universo social e cultural.

Conforme Zilberman (2008, p. 8) “[...] A leitura tornou-se igualmente um espaço de discussão, ao qual são transferidas as inquietações e ansiedades das pessoas ligadas ao ensino por razões profissionais ou leigas”.

Há muito tempo atrás o homem usava da sua forma de se expressar através da escrita os seus sentimentos e culturas escrevendo representações simbólicas nas paredes das cavernas, onde assim se caracterizou a escrita em três grandes fases distintas:

- Pictórica: que se distingue pela escrita através de desenhos ou pictogramas, aparecendo nas inscrições antigas, na escrita asteca e mais recentemente nas histórias em quadrinho. Os pictogramas não estão relacionados a um som, mais a imagem do que se quer representar baseando-se em representações bem simplificadas dos objetos da realidade.
- Ideografia: se distingue pela escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas, desenhos estes que foram ao longo de sua evolução perdendo alguns traçar mais representativos, das figuras retratadas. As representações das letras do nosso sistema alfabético vieram desse tipo de evolução, entretanto, as escritas ideográficas mais importantes são: A Egípcia, também chamada de hieroglífica, a mesopotâmia (Suméria), as escritas da região do Mar Egu; por exemplo, a cretense e a Chinesa de onde provém a escrita japonesa.
- Alfabética: se caracteriza pelo uso propriamente das letras, sendo estas tendo sua origem nos ideogramas, mas perderam o seu valor ideográfico, exercendo uma nova função de escrita, tendo uma representação puramente fonográfica.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's (1997, p.33) relata que:

Na antiguidade grega, berço de alguns dos mais importantes textos produzidos pela humanidade, o autor era quem compunha e ditava para ser escrito pelo escriba; a colaboração do escriba era transformar os enunciados em marcas gráficas.

Com o passar dos anos a escrita se desenvolveu, e por volta de mais de uma década, na América Latina, começaram a estudar o desenvolvimento da escrita e fizeram as seguintes descobertas: o conhecimento da escrita começa antes da criança freqüentar uma escola e o

conhecimento evolui, muda com a idade dos sujeitos, e não sendo possível estabelecer uma relação direta entre o ensino sistemático e essa evolução porque entre outras razões não se ensinava a ler e a escrever.

A escrita não é um produto puramente escolar, mas o resultado de um longo processo apropriado e construtivo por parte da criança. Contudo, é de total importância que a leitura e escrita do mundo das crianças, seja um elo de interação com o mundo de forma criativa, consciente e acima de tudo, como sujeito capaz de reescrever o mundo, quer dizer, transformá-lo através de uma prática consciente.

Definir a leitura implica sempre em um paradigma que a orienta e uma experiência que a motiva. A leitura é associada a forma de ver o mundo. É possível dizer que a leitura é um meio de conhecer. Para Manguel (2007, p.207)

Só mesmo o tempo em que o primeiro escritor concebia uma nova arte do fazer marcas num pedaço de argila, aparecia tacitamente uma outra arte sem a qual as marcas não teriam nenhum sentido. O escritor era um fazedor de mensagens, criador de signos, mas esses signos e mensagens precisavam de um mago que os decifrasse, que reconhecesse seu significado, que lhe desse voz.

Diante desta concepção, a escrita não teria um valor significativo se não houvesse quem conseguisse decifrar os seus signos. Ou seja, a fundamentação histórica da escrita é a leitura, já que escrever sem leitores não teria um sentido. Quando se escreve, escreve para o outro, para o reconhecimento do outro e compreensão do que foi escrito.

De acordo com Paulo Freire no livro “A importância do ato de ler em três artigos que se completam”, há duas formas básicas de conhecer a leitura: a leitura do mundo e a leitura da palavra. Por isso defende Freire (1992, p 11) que “A leitura da palavra é sempre precedida da leitura do mundo”.

A leitura existe desde os tempos históricos, e para os homens primitivos o ato de ler era uma necessidade ligada ao meio e a autodefesa. Entretanto, houve um momento na história mais precisamente quando foi inventado o código escrito, em que se diferenciaram em dois grupos: os que liam e os que não liam. Neste momento a leitura passou a ser uma necessidade para ascender de um estágio social ao outro.

A leitura é um fastígio em torno do qual, muitos caminhos são delineados, mas por mais que se busque compreendê-lo mais se percebe o quanto complexo e diversificado se apresenta. É preciso entendê-lo com base no que é vivenciado. Percebe-se a primeira leitura do mundo é a que possa fazer referência.

O mundo natural era acervo literário, apresentava os signos que precisavam ser traduzidos em palavras e pensamentos de caráter nitidamente simbólico, esta leitura remete o leitor à constante reformulação dos sentidos. Ler compreende reagir com os sentidos (quando se vê e se ouve os símbolos gráficos) e com a emoção (apreciar, desgostar, concordar ou discordar-se se necessário for). Assim, a leitura é um processo dinâmico e dialógico configura-se constantemente e alicerça-se em uma interação homem - mundo - homem.

A leitura passou a ser, como já frisado, uma necessidade para ascender de um status econômico e social a outro. Foi neste instante que se deu a separação entre o texto codificado, e o ato de ler, entre o leitor e o autor.

Como intermediário, é criado o ato formal de aprender a ler. Neste contexto social aparece a figura dos escribas, que eram pessoas escolhidas para aprender a ler e escrever em uma escola privada. Serve como exemplo de associação entre a leitura e o poder que emana daqueles que podem ler, sendo a primeira característica desta ação na história da humanidade, a divisão de poder entre os que têm códigos a seu alcance e os que não têm.

Ao colocar-se, o professor de leitura como intermediário no ato de ler, a leitura passa de processo natural a processo cultural. Agora, entre o mundo natural-texto e o leitor, há um código, o texto é um mediador, o que ensina a ler. Complexifica a ação de ler, porque registro materializado, objeto diferenciado do leitor. A leitura então passa a configura-se em atividades diferenciadas do leitor, antes se lia a partir de um apelo demandado pela natureza do leitor, agora se lê por necessidade, por desejo de conhecer, por curiosidade em descobrir o texto ou por atividades acadêmicas solicitadas pelo professor. Passa-se então da leitura escolhida para a leitura necessária e atrela-se o leitor a uma maneira formal de conhecer.

O ato de aprender a ler não está envolvido em nenhuma atividade que o indivíduo já tenha exercitado na linguagem no mundo, sendo que o professor deve proporcionar uma possível aprendizagem de leitura global significativa. A leitura tem significado quando a metodologia de aprendizagem tem sentido para o discente, sendo essencial para o desenvolvimento de habilidades de leitura e não simplesmente decodificar sons, mas reflexões sobre a informação, conhecimento e prazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo os PCN's (Parâmetro Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa 1997, p.53) nos diz: "A leitura nos oferece a matéria-prima a escrita: o que escrever por outro lado, contribui para a constituição de modelos: como escrever."

A escrita tem como um modo particular de cada indivíduo, adquirir conhecimentos, pois a sua capacidade de escrever consegue ser definido como conjunto dos processos gráficos, que permitem fazer como a forma física do sinal gráfico deixe de se construir como um obstáculo, e sim como a compreensão da mensagem escrita.

De acordo com o PCN (1997, p.53) nos diz:

A compreensão da mensagem escrita referente a leitura não se trata simplesmente de só extrair informações da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavras, trata-se pois de uma atividade que implica necessariamente a compreensão da leitura e da escrita propriamente dito.

A leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas, onde se modificam mutuamente no processo de letramento; a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada” e a fala influencia a escrita transforma a fala (o aparecimento de traças da oralidade nos textos escritos). Ou seja, a leitura e a escrita são práticas que permitem ao aluno construir seus conhecimentos sobre os diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e sobre as circunstâncias do uso da escrita.

Contudo, a leitura está relacionada com a escrita, e quando não é bem desenvolvida desde o início da alfabetização, proporciona muitas dificuldades na aprendizagem das crianças. Diante disso, a leitura é algo que diz respeito a impressões individuais que exige emoção e sensibilidade, expressando uma visão articulada do tempo estimulando o exercício da mente.

Nesse sentido, concordamos com Ferreiro (1993, p.102) quando coloca que: “É necessário imaginação pedagógica para dar as crianças oportunidades ricas e variadas de interagir com a linguagem escrita. É necessária formação psicológica para compreender as respostas e as perguntas das crianças.”

Como bem explica o autor, os aprendizados da escrita tem que ser desenvolvida com diversos materiais, estimulando a espontaneidade da criança. Na escola não pode correr distanciamento do mundo da criança, pois é a partir do mundo que a criança vai desenvolver nos novos conhecimentos.

Nesse sentido, coloca Freire (2000, p.29) que,

Desde o começo na prática e crítica, a leitura do mundo e a leitura da palavra estão dinamicamente justas. O comando da leitura da escrita se dá partir de palavras e de temas significativos a experiência comum dos alfabetizados e não de palavras e de temas apenas ligados a experiência do educador.

Isso nos mostra que é necessário entender que aprendizagem da linguagem escrita é muito mais que a aprendizagem de um sistema de apresentação. Pode-se dizer, numa idéia ampla e global, que a linguagem é comunicação, emoção e é um processo mental. Observa-se que durante a evolução humana, que a linguagem surgiu nas suas mais variadas formas, nos momentos em que os homens sentiram necessidade de se comunicar entre si.

Desta forma, afirma Pêcheux & Fuchs (2008, p.19) que:

O sujeito não se apropria da linguagem num movimento individual a forma dessa apropriação e social, nela está refletida o modo como o sujeito fez, ou seja, sua interpretação pela ideologia. O que produz linguagem também está reproduzindo nela, acreditando ser a fonte exclusiva de seu discurso quando na realidade, retoma sentidos preexistentes. A isso chamamos “ilusão discursiva do sujeito.”

Desde cedo, essa necessidade de comunicação aparece na infância e aumenta com grande importância quando a criança se torna membro de grupos sociais mais amplos e complexos. O hábito de ler é de suma importância para o conhecimento globalizado do indivíduo, não deve ser limitado, mas incentivado e aprimorado. O aluno adquirindo as habilidades de leitura e de escrita, estará num processo de transformação leitora e escritora.

Neste sentido, afirma Martins (1997, p. 19) quando coloca que “a maneira de trabalharmos com os livros didáticos, ou ainda com os conteúdos não precisa necessariamente ser sempre a mesma.” A autora aborda que os conhecimentos que se transmite na escola, ganham sentidos quando são produtos de uma construção entre o que o aluno aprende na escola e o que ele já traz consigo mesmo.

O professor deve trocar experiências com os alunos partindo de temas vivenciados no dia- a -dia desses discentes, ou seja, relacionar a leitura do mundo lá fora, para o mundo “real” dentro das salas de aula, transmitindo mensagens informativas no aprendizado das crianças.

A educação atualmente vem sofrendo diversas modificações devido aos avanços e exigências oriundas dos meios tecnológicos e científicos. Assim, a educação precisa ser repensada.

Numa sociedade como a brasileira, que por sua dinâmica social, econômica e política divide e individualiza as pessoas, isolando-as em grupos, distribui a miséria entre a maioria – “a língua não poderia deixar de ser a expressão dessa situação”. Assim vê-se que falar hoje, já é uma proeza fantástica, para milhões de pessoas que não desfrutam de riquezas econômicas e na maioria das vezes, a escola esquece que a educação é um problema social e o encara simplesmente como problema pedagógico sem o menor respeito com as condições de vida de

seus frequentadores, onde lhes impõe modelos de ensino e conteúdos que reforça- por conservação dessa situação sem que nenhuma análise crítica e/ou adaptação seja feita.

São tantos os subsídios para se trabalhar a leitura e a escrita com o educando em sala de aula. O ler leitura de suas preferências, pedir aos alunos leituras informativas, trabalhar também a escrita de forma prazerosa e não como um ato de escrever por escrever, ou até mesmo para melhorar a caligrafia dos alunos.

As escolas também têm uma participação bastante grande na formação de leitores e escritores das suas próprias criatividades, sugerindo e proporcionando aos professores que são transmissores dessa interlocução da leitura e da escrita, planejamento que busquem novos conhecimentos, fontes referenciais, textos informativos, propostas de escritas que trabalham diretamente com fases da aprendizagem da criança relacionada à escrita, ou seja, existe todo um intercâmbio entre escola, professor, aluno, para a construção e desenvolvimento da leitura e escrita.

Para Martins (1994, p.34) “A função do educador e da escola não seria precisamente a de ensinar a ler e a escrever, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem.”

Portanto, é preciso proporcionar ao educando situações didáticas, diversificadas á aquisição de habilidades de leitura e escrita de textos escolares e sociais capazes de perceber e utilizar essas linguagens em diversas situações e práticas sociais.

É muito importante para a formação de qualquer criança saber desenvolver uma boa linguagem oral e escrita, para o desempenho escolar bastante satisfatório para todos.

A abordagem deste tema referente a leitura e a escrita consiste na aplicação de técnicas de ensino que serão aplicadas pelo o professor na perspectiva de melhorar o processo da leitura e da escrita em sala de aula, viabilizando a caracterização dos níveis de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos.

- Narração de histórias infantis conhecidas (Branca de Neve e os sete anões);
- Exposição oral com ajuda do professor, usando suporte escrito, quando for o caso;
- Leitura silenciosa, individualmente, em voz alta, coletivamente;
- Leitura peã escrita de alguém que lê;
- Escrever um conto de mistério a partir de uma notícia policial;
- Transformar uma entrevista reportagem;
- Dar começo de um texto para os alunos continuarem (ou fim para que escrevam o começo ou o meio).

Entretanto, o professor tem que proporcionar ao aluno subsídios para despertar a construção da leitura e da escrita em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas em torno do processo de ensino e aprendizagem, com ênfase para a leitura e a escrita, postulam o entendimento de que estas são temáticas das quais as discussões nunca serão esgotadas, mas que sempre estarão em evidência formulando novas propostas, novos mecanismos e novas práticas metodológicas no contexto educacional. Isso significa dizer que são temas que nunca devem fugir do currículo da escola, pois é através da leitura que alcançaremos para nossos discentes a formação de bons leitores.

Nesta perspectiva, foi possível observar o quanto o aprendizado da leitura e da escrita significa para estabelecer uma dinâmica singular perante essa ampla e complexa rede de relações conceituais que contém a significação literal das palavras, bem como, o seu entendimento, em que a significação da oralidade e da escrita é sempre um elemento norteador do processo enquanto unidade de ensino.

Desta forma, compreendemos a importância de que o papel do professor como o mediador entre a criança e o conhecimento, é imprescindível, e que a variação de métodos e metodologias devem fazer parte da ambição dos educadores em formar cidadãos leitores, críticos e reflexivos.

Como pode-se vislumbrar, a leitura e a escrita é um processo educativo que se faz através do intercâmbio entre professor e aluno. Configura-se como uma ponte para o desenvolvimento dos alunos em outras áreas do conhecimento e de seu próprio mundo, pois como sabido, a leitura faz parte do cotidiano de uma escola em todos os seus níveis e modalidades de ensino, uma vez que os alunos estarão em pleno processo de adaptação destes ciclos.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E. **Reflexões sobre alfabetização** São Paulo: Cortez, 1993.

FREIRE, **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários a prática educativa. São Paulo. Ed. Paz eternal 1996 (coleção leitura)

FREIRE, **A importância do ato de ler: e, três artigos que se completam**. 47 ed. São Paulo, contexto, 1998.

FREIRE, **A importância do Ato de Ler**: São Paulo: Cortez, 2000.

MANGUEL, Alberto. **Uma historiada leitura**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo; Brasiliense, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo; Brasiliense, 1994.

MINAYO, M. C.S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

Parâmetros Curriculares Nacionais (5ª a 8ª séries). Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: Acesso em: 14 jan. 2019.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. **A propósito da análise automática do discurso**: atualização e perspectivas. Tradução de Péricles Cunha. In. GADET, F; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso. Campinas: Editora da UNICAMP. 2008.p.163-252.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 1998.

ZILBERMAN, Regina (Org.) **Leitura em crise na escola**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 2008.